

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

RAFAEL REDAELLI

DIAGNÓSTICO SOBRE *CYBERBULLYING* NO ENSINO MÉDIO

**Caxias do Sul
2019**

RAFAEL REDAELLI

DIAGNÓSTICO SOBRE *CYBERBULLYING* NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora:
Clevi Elena Rapkiewicz.**

**Caxias do Sul
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Profa. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro k. Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane M. R. Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos na realização deste trabalho. Principalmente à minha família, minha orientadora por toda dedicação e compreensão. As direções das escolas que permitiram que eu realizasse a pesquisa, aos alunos que se disponibilizaram em participar.

E as minhas colegas de curso, Luciane e Maristela, que me motivaram, me ajudaram e incentivaram em todos os momentos e principalmente me deram força para continuar em frente.

RESUMO

As Tecnologias da Informação e Comunicação trouxeram diversas inovações em um período de tempo muito curto, tendo um grande impacto em diversas esferas na vida das pessoas, como na forma de trabalhar, estudar e de socializar. Podendo ser percebida em diversos setores da sociedade entre eles a educação. Esta recente forma de interação dos estudantes utilizando os meios de informação e comunicação, principalmente os sites de redes sociais, apresenta uma nova realidade nas escolas. Porém essas modificações não são somente positivas, trazendo diversos problemas como as agressões virtuais, a auto exposição em demasia, a perseguição, o roubo de informações, a pedofilia digital, grupos de incentivo de suicídio. Nesse contexto, realizou-se o diagnóstico do nível de conhecimento sobre *cyberbullying*, legislação específica, além da relação das vítimas e agressores com o uso das mídias e auto exposição virtual entre alunos de duas escolas de ensino médio localizadas na região serrana do Rio Grande do Sul, visando fornecer subsídios para que ações de prevenção sejam realizadas.

Palavras-chave: Agressões virtuais. Alunos. Educação

This should be the title in English

ABSTRACT

Information and Communication Technologies have brought many innovations in a very short period of time, having a great impact on various spheres in people's lives, such as how to work, study and socialize. It can be perceived in several sectors of society, including education. This recent form of interaction of students using the media and communication, especially social networking sites, presents a new reality in schools. But these changes are not only positive, bringing various problems such as virtual aggression, too much self-exposure, persecution, information theft, digital pedophilia, suicide incentive groups. In this context, the level of knowledge about cyberbullying, specific legislation, and the relationship of victims and perpetrators with the use of media and virtual self-exposure among students of two high schools located in the mountain region of Rio Grande do Sul South, in order to provide subsidies for preventive actions to be taken.

Keywords: Virtual aggressions. Students. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico Idade dos alunos participantes da pesquisa	25
Figura 2 – Grafo das respostas da questão 3	25
Figura 3 – Gráfico Utilização das redes sociais	32
Figura 4 – Gráfico Permanência de tempo em cada rede social	33
Figura 5 – Gráfico Termos relacionados ao cyberbullying	33
Figura 6 – Gráfico Idade dos participantes x vítimas de cyberbullying	36
Figura 7 – Gráfico Conhece definições sobre cyberbullying x Vítima de cyberbullying	36
Figura 8 – Gráfico Conhecimento da legislação referente ao cyberbullying	37
Figura 9 – Gráfico Conhecimento da legislação x É vítima de cyberbullying	37
Figura 10 – Gráfico Conhecimento da legislação x pratica cyberbullying	38
Figura 11 – Grafo das respostas da questão 18	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIPAVE	Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar
FICAI	Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LIE	Laboratório de Informática Educativa
MSN	<i>Messenger</i>
PENSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
TIC	Tecnologia da informação e comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DESENHO DA PESQUISA	12
2.1. Justificativa e Problema	12
2.2. Objetivos	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1. <i>Cyberbullying</i>	15
3.2. Conceito	17
3.3. <i>Cyberbullying</i> x <i>bullying</i>	18
3.4. A escola e o <i>cyberbullying</i>	20
3.5. Legislação	21
4. METODOLOGIA	25
4.1. Área de Pesquisa	25
4.2. Procedimento de Pesquisa	27
5. ANÁLISE DE RESULTADOS	30
5.1. O tema <i>cyberbullying</i> entre alunos do ensino médio	30
5.2. Da caracterização do grupo pesquisado e do nível de conhecimento dos termos de <i>cyberbullying</i>	31
5.3. Da relação entre as características dos agressores e vítimas e do seu conhecimento sobre as práticas de <i>cyberbullying</i>	35
5.4. Do conhecimento sobre as leis que regem o ambiente virtual e da responsabilidade criminal da prática de <i>cyberbullying</i>	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA	46
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO	50
ANEXO – MODELO DE AUTORIZAÇÃO	57

1. INTRODUÇÃO

A sociedade humana sempre foi caracterizada por ter muitas formas de agressão entre as pessoas (ANDERSON & BUSHMAN, 2002). Nas mais diversas formas de violência que são vistas em diferentes grupos sociais, vemos a que ocorre entre os jovens, principalmente na escola, como uma das que causa mais prejuízos. Essa forma, de violência, que pode ser física ou psicológica, é conhecida como *bullying*.

Como a escola é um dos principais locais de convivência deste grupo social, vemos essas manifestações violentas ocorrerem sistematicamente no ambiente escolar, tornando-se uma das grandes preocupações dos educadores, pedagogos e pais, ou seja, a comunidade escolar. Porém com o advento da tecnologia observa-se uma modificação nessas ações agressivas entre seus pares.

As Tecnologias da Informação e Comunicação trouxeram diversas inovações em um período de tempo muito curto, tendo um grande impacto em diversas esferas na vida dos indivíduos. Observam-se essas mudanças na nossa forma de trabalhar, estudar e de socializar com as pessoas.

Essa entrada das tecnologias digitais vem sendo percebida em diversos setores da sociedade entre eles a educação. Esta recente forma de interação dos estudantes utilizando os meios de informação e comunicação, principalmente os sites de redes sociais, apresenta uma nova realidade nas escolas. Infelizmente, essas modificações não são somente positivas, trazendo diversos problemas como as agressões virtuais, que cada vez mais se observa entre os jovens, a auto exposição em demasia, a perseguição, o roubo de informações, a pedofilia digital, grupos de incentivo de suicídio.

Essa forma de agressão virtual vem se difundindo cada vez mais (SANTOS, 2017). Principalmente por causa das características e pelos meios que ocorrem essas agressões. O ambiente virtual permite que as perturbações realizadas sejam ininterruptas, ou seja, quem sofre as agressões não encontra nenhum momento de sossego, pois os agressores se utilizam de e-mails, redes sociais, blogs, comentários em *sites*, telefones, fotos e/ ou mensagens para atacar determinados grupos ou indivíduos. Dessa forma, os ataques deixaram de ocorrer somente em um ambiente e começaram a ter sua ocorrência em todos os lugares e a todo o momento.

Essa observação foi feita pelo pesquisador na escola em que leciona e numa segunda escola em que o mesmo já havia lecionado, ambas se localizam na região serrana do Rio Grande do Sul e são de nível médio da rede pública. Assim ao constatar necessidade de se examinar os casos que ocorriam de *cyberbullying* entre alunos e de alunos com professores, como objetivo geral optou-se por fazer um diagnóstico do nível de conhecimento do tema *cyberbullying* e de todas as suas nuances visando fornecer subsídios para que se realize ações de prevenção no ambiente escolar.

O trabalho de pesquisa apresentará a seguir 5 capítulos, o primeiro deles será o desenho da pesquisa que irá mostrar a problematização e a justificativa, como também, o objetivo geral e os específicos. A seguir, será exposto o referencial teórico sobre o tema, com suas anuências e discussões presentes na literatura que o aborda. O terceiro irá expor a metodologia fazendo uma descrição do local e do público alvo que será realizado o trabalho e todas as ferramentas e os procedimentos para realizar a pesquisa. Após, será exposto as considerações finais sobre o tema pesquisado e por último será apresentado a bibliografia utilizada para realizar o trabalho.

2. DESENHO DA PESQUISA

Neste capítulo é apresentada uma avaliação sobre a pertinência de ser realizado este projeto. Assim, abordamos a justificativa de ser trabalhado o tema, os problemas diagnosticados a partir da observação teórica e prática do assunto e os objetivos gerais e específicos propostos para a pesquisa.

2.1. Justificativa e Problema

Nossa realidade atual é um mundo no qual a maioria dos adultos não tem um grande conhecimento das TIC sendo estes conhecidos como imigrantes digitais. Ou seja, conforme Prenski (2001) estão em continuo processo de aprendizagem e adaptação de aspectos e características que são naturais aos nativos digitais.

Em contrapartida nossos jovens, os nativos digitais, as utilizam de forma natural, pois, ainda segundo Prenski (2001) as utilizam de forma genuína possuindo uma recepção de informações de maneira ágil e rápida, dando sempre preferência a realização de atividades multitarefas e processos paralelos.

Mas esta diferença de geração, e por consequência de conhecimento, faz com que os muitos jovens usem os meios digitais de forma descontrolada e muitas vezes sem ninguém para orientá-los e educá-los. Nesse contexto a internet pode se transformar num perfeito “campo de batalha” psicológico, que traz diversas consequências sociais, a médio e longo prazo.

Este comportamento agressivo no ambiente virtual, atualmente, é percebido, principalmente, entre pré-adolescentes e adolescentes, que é o público das escolas de ensino médio. Pelo menos é o que foi percebido nas escolas envolvidas nessa pesquisa, onde foram constatados alguns casos de agressões virtuais tais como:

- i) postagem de fotos e o envio de vídeos íntimos de alunas em sites de redes sociais e aplicativos de envio e recebimento de mensagens e vídeos instantâneos,

- ii) comentários depreciativos em sites de redes sociais entre colegas que culminaram em agressões verbais e físicas e humilhações de parte dos envolvidos,
- iii) postagem de montagens ofensivas sobre professores e alunos,
- iv) excesso de auto exposição por parte dos alunos nas mídias.

No cotidiano dessas escolas percebeu-se aumento de casos de agressões virtuais associados com a maior exibição do tema em filmes, séries e reportagens. Ou, talvez, tais agressões virtuais já ocorressem e não fossem percebidas antes da exibição dessas séries. Em qualquer das situações, seja aumento das agressões em si ou aumento da visibilidade das mesmas, fica claro que é necessário que o tema seja tratado no âmbito escolar.

Em pesquisa recente realizadas em 10 cidades da Serra Gaúcha sobre *bullying*, pelo professor Ricardo Rodrigo Rech pode-se observar exatamente isso, como apresentando por ele em um seminário na Universidade de Caxias do Sul, em uma avaliação feita com 5032 estudantes, entre 11 e 14 anos de escolas públicas 10,1% (508 estudantes) se consideram vítimas e 13,8% (694 estudantes) se consideraram agressores. Essa demonstrou um aumento no número de vítimas em relação a pesquisa PENSE de 2012 que apresentava 7,2% de vítimas (IBGE, 2013).

Vê-se que a sociedade nas suas esferas de controle não está acompanhando o avanço tecnológico e a mudança de comportamento dos adolescentes e as escolas não tem o preparo necessário ou não considera responsabilidade da escola, pois eles acontecem no ambiente virtual. Assim, as coordenações da escola acabam encobrendo esses casos, ou não dando importância a eles. Isso faz com que os professores ao saberem de algo, ou ao observarem que esse tipo de violência está ocorrendo não tenham um protocolo correto de como agir, perante os agressores ou as vítimas, e também fiquem sem saber a quem informar essas ocorrências.

Diante dessa realidade acredita-se que realizar um diagnóstico sobre a realidade das agressões virtuais e o nível de conhecimento de alunos de ensino médio sobre essa temática é pertinente. Além disso, foi feita uma Revisão Sistemática de Literatura ou RSL em De David para verificar as evidências de artigos publicados sobre esse tema em quatro revistas e quatro anais de eventos nacionais relativos à informática

nos últimos dez anos, de 2008 a 2017 (DE DAVID. L, 2018). A autora localizou apenas 7 artigos que se referem ao assunto *cyberbullying*, desses dois abordam a questão no ensino médio, sendo um com o 1º ano e o outro com o 2º ano do ensino médio e um artigo realizou a pesquisa com estudantes do ensino fundamental e médio, trabalhando do 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio.

2.2. Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é diagnosticar o nível de conhecimento sobre *cyberbullying*, legislação específica, além da relação das vítimas e agressores com o uso das mídias e auto exposição virtual entre alunos de duas escolas de ensino médio localizadas na região serrana do Rio Grande do Sul, visando fornecer subsídios para que ações de prevenção sejam realizadas.

Decorrente deste objetivo geral, destacam-se os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar a relação entre agressores e vítimas com a idade e o gênero dos estudantes para com isso seja oportunizado um trabalho mais direcionado e efetivo com o público mais afetado.

b) Analisar a relação entre o conhecimento sobre as práticas de *cyberbullying* com o comportamento dos alunos identificando como vítimas ou agressores.

c) Verificar se a auto exposição dos alunos no ambiente virtual é um fator que pode influenciar as agressões virtuais.

d) Verificar se os alunos têm conhecimento sobre as leis que regem o ambiente virtual e a responsabilidade criminal da prática de *cyberbullying* para que as vítimas saibam como se proteger e os agressores não fiquem impunes.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir serão apresentadas r cinco subseções que mostram uma introdução ao *cyberbullying*, o seu conceito, as definições e diferenças do bullying e do cyberbullying, suas características, consequências, a escola e o *cyberbullying* e a legislação específica referente ao tema, presentes nas literaturas encontradas sobre este tema.

3.1. *Cyberbullying*

A sociedade vem sofrendo diversas transformações culturais, econômicas, científicas, políticas e sociais. Essas ocorrem, em grande parte, devido às tecnologias digitais. Conforme Santos (2017), esses desdobramentos ocorrem por causa da dinâmica que nossa sociedade está sujeita, sendo um resultado dos avanços tecnológicos na área da comunicação e informação cujo suporte é dado pelas TIC.

A forma como as pessoas interagem entre si vem se modificando de maneira brusca, apresentando uma diminuição nas interações face a face entre amigos, parentes, colegas de escola e trabalho, e tendo um grande aumento nas relações virtuais, que ocorrem através de dispositivos ligados ao mundo virtual. Os autores Wendt e Lisboa (2014) dialogam que não é que essas relações face a face tenham desaparecido, mas uma mudança qualitativa pode ser observada na atualidade, ao que as interações no mundo virtual potencializam o número de contatos que possuímos. Há que se pensar e analisar, porém, sobre a natureza desses contatos, suas características, e não apenas na quantidade em si de contatos.

Na verdade, o que se observa nesse campo social é a mistura do mundo real com o virtual, em que diversos comportamentos que ocorrem nos grupos de convívio das pessoas vêm sendo retratados nos grupos virtuais que esses mesmos indivíduos se relacionam.

Dentre os diversos tipos de interações que se observa entre os seres humanos, cabe destaque, a nosso ver, sobre a agressividade entre os indivíduos. A agressividade é

definida como o comportamento que possui motivação em causar sofrimento a outro ser ou grupo (ANDERSON & BUSHMAN, 2002). Sendo que estes atos de violência independente do contexto cultural em que ocorram, repercutem de forma negativa nas diversas esferas da sociedade (WENDT, G. W., LISBOA, 2014).

Quando se verifica esses atos entre crianças e adolescentes, observa-se que eles podem ter consequências extremamente graves na formação dos mesmos, pois os jovens podem não ter, ainda, maturidade suficiente para lidar com essas situações (WENDT; LISBOA, 2014). E a escola sendo uma das instituições de convívio social destes jovens é um dos locais onde esse comportamento é registrado com forte incidência. Segundo Souza, Simão & Caetano “a violência no contexto educativo é uma das principais causas do mal-estar vivido por diversos de seus atores, apresentando-se como um dos problemas da educação contemporânea” (2014 p.582).

A violência no cotidiano escolar é denominada de bullying, palavra de origem estrangeira, sem tradução específica para o português, que tem como característica um comportamento consciente, intencional, deliberado, hostil e sistemático, de uma ou mais pessoas, com a intenção de ferir outrem (SOUZA, SIMÃO & CAETANO, 2014).

O uso do termo no contexto educacional brasileiro refere-se a comportamentos de intimidação, violência e humilhação, embora o processo não se restrinja somente a essas ações (WENDT, CAMPOS, & LISBOA, 2010) podendo ocorrer de modo direto, que são os atos envolvendo agressões físicas e ataques verbais, ou de modo indireto e relacional, através de situações de isolamento, chantagens, ameaças, difusão de rumores, fofocas, furtos, entre outros (RIGBY, 2004).

Porém, na atualidade, temos uma nova modalidade de bullying, conhecida como *cyberbullying*, ou bullying digital. Ou seja, é a prática de violência engendrada no contexto dos avanços tecnológicos digitais e do acesso à internet (SANTOS, 2017). Sendo este um problema transversal a todos os países, e ocorrendo com maior frequência, nos jovens adolescentes, com incursões pontuais nas crianças e com repercussões sociais graves (VENTURA. p. 2011).

A mudança nas formas de relações entre as pessoas não deixou de apresentar comportamentos já existentes, dessa forma é necessário se ter mais estudos dessas novas maneiras. Com isso vamos abordar na sequência da pesquisa o conceito do termo *cyberbullying*, a diferença do bullying para o *cyberbullying*, dados de *cyberbullying* a

partir de outras pesquisas realizadas, o *cyberbullying* e a escola, as medidas de prevenção e a legislação vigente nas subseções seguintes.

3.2. Conceito

Cyberbullying é um conceito relativamente novo, não tendo um conceito pré-definido, dessa forma deve-se ter mais estudos e discussões sobre o tema para se chegar num consenso e saber como abordá-lo, pois, conforme Susan Herring, estudar e definir a violência virtual, tem suas vantagens. Ao defini-la fazemos com que esse comportamento agressivo fique mais perceptível, assim, pode-se nomeá-lo quando ocorrer, permitindo gerir estratégias de resistência (HERRING, 2002).

Ao analisar a etimologia do termo analisa-se que “*Cyber*” é associado a todo o tipo de comunicação virtual usando as mídias digitais, como a internet e o termo “*bullying*”, como já comentamos anteriormente, significa o ato de intimidar ou humilhar uma pessoa (SIMPLÍCIO, 2014).

Na prática, verifica-se que o *cyberbullying* está relacionado com diferentes formas de perturbações sociais, psicológicas, comportamentais feitas frequentemente com a utilização das TIC (LEÃO JUNIOR, 2011), nestas se enquadram algumas ferramentas digitais como *e-mails*, mensagens para celulares, mensagens instantâneas (MSN, *Whats app*, *Twitter*, etc), web sites pessoais, comunidades virtuais em redes sociais (*facebook*, *instagram*, etc), *sites* de relacionamento.

Uma explicação para essa dificuldade de se montar uma definição do termo deve-se ao fato de que, na medida em que se observa uma significativa proliferação de novas tecnologias, emergem novos comportamentos e modos de agir diante de tais ferramentas. (WENDT; LISBOA, 2014). Entre os comportamentos e modos de agir encontra-se a prática de agressões digitais que vem sendo cada vez mais observada nos ambientes virtuais.

Assim, alguns autores definem *cyberbullying* como um tipo específico de *bullying* que ocorre através de instrumentos tecnológicos e, sobretudo, telefones

celulares e internet (SLONJE & SMITH, 2008). Shariff concorda com Slonje e Smith ao afirmar que é “um tipo de *bullying* que utiliza a tecnologia” (SHARIFF, 2011, p. 59).

Corroborando com esse conceito o que Ventura afirma sobre o tema, ao dizer que,

cyberbullying é uma das vertentes do bullying convencional ou tradicional. Com a mesma intenção de molestar, o *cyberbullying* é uma agressão psicológica contínua, produzida através das Tecnologias de informação e comunicação, vulgo TIC, tendo como resultados perturbações sociais, psicológicas, comportamentais e acadêmicas, não só nas vítimas, mas também em todos os protagonistas deste tipo de agressão. (VENTURA, 2011, p.15).

Santos refere-se ao *bullying* digital como a prática de violência enquadrada no contexto dos avanços tecnológicos e de acesso à internet. Sendo compreendido como um ato de violência moral, que é praticado por um, ou mais, *cyber* agressores, agressores virtuais (SANTOS, 2017).

Além de ser extremamente importante definir *cyberbullying*, devem-se concentrar esforços para caracterizá-lo vendo suas peculiaridades em relação ao *bullying* presencial. Para isso é importante conhecer os agentes envolvidos em todas as etapas do processo como também suas particularidades.

Pode-se dizer, pois, que *cyberbullying* refere-se a diversas ações negativas realizadas no ambiente virtual, com o objetivo de agredir determinadas pessoas ou grupos. Essas perturbações virtuais provocam diversos problemas tanto nos agressores quanto nos agredidos, principalmente quando ocorre de forma ininterrupta, o que costuma ser frequente.

3.3. *Cyberbullying* x *bullying*

As agressões virtuais, *cyberbullying*, e presencial, *bullying* provocam graves sequelas em quem as sofre, trazendo diversas perturbações psicológicas, comportamentais e sociais. Porém elas apresentam algumas diferenças em suas características quanto a forma de acontecer, local em que ocorrem entre outras peculiaridades.

Mesmo que ambos sejam manifestações de violência as diferenças que apresentam fazem com que necessitem ser analisados, abordados e tratados de maneira

diferentes, mesmo que em ao analisar suas consequências psicológicas possa verificar que um complete o outro.

A diferença inicial que pode ser referida é o anonimato, pois este permite ao agressor erguer um escudo protetor de uma possível retaliação por parte da vítima (VENTURA, 2011). No bullying, na maioria das vezes, o agressor é conhecido e identificado, pois ele ocorre num espaço físico, ou seja, num contexto real, com um agressor presencial, real e identificável, de quem se pode fugir, defender ou acusar (VENTURA, 2011). Já o *cyberbullying*, para Goulart (2018) permite ao agressor um maior anonimato, aumentando as chances de sair impune, como a natureza pública do ato também, isso faz com que a vulnerabilidade da vítima seja amplificada.

Outra diferença é que o *cyberbullying* ultrapassa as barreiras espaciais e temporais, ao que ele possui uma continuidade, a vítima não tendo como deixar de sofrer as agressões quando vai para casa e está trancada em seu quarto, pois pode continuar a receber mensagens, e-mail ou recados que o agridem psicologicamente (RODEGHIERO, 2012). Andrea Goulart (2018) reitera essa afirmação ao dizer que a vítima tem a sensação de não poder fugir, pois os ataques ocorrem em qualquer lugar, e horário, desde que esteja *online*, não podendo se esconder. Hanewald (2010) aponta conexão entre *cyberbullying* e bullying na medida em que muitos ataques iniciam no mundo virtual e podem continuar na escola transformando-se em bullying face a face.

Além disso, o *cyberbullying* apresenta outra característica, que é a permanência da agressão na plataforma em que ela foi realizada, por causa da memória digital, fazendo com que esse tipo de agressão tenha um aumento em sua audiência (SLONJE & SMITH, 2008). Enquanto que o bullying tradicional, por ocorrer em um local específico somente seja observado pelas pessoas que estão ali presentes, tendo um impacto bem menor nesse sentido.

3.4. A escola e o *cyberbullying*

O *cyberbullying* por ser um tipo de agressão relativamente recente apresenta grande dificuldade para ser trabalhado na escola sobretudo por ultrapassar os muros da mesma.

Por ter essa característica de ultrapassar as barreiras da escola, ou ser feita em momentos que os alunos não estão na aula, muitas instituições educacionais não consideram este problema como sendo da escola. Ou seja, dizem que é um problema que deve ser resolvido pela família. Porém, quando essas agressões acontecem verifica-se um grande impacto educacional na comunidade escolar. Nossa escola pública não pode, e não deve ficar alheia às transformações ocorridas no mundo ao seu redor, pois ela caminha para dentro do mundo virtual, isso já é uma evidência. (SIMPLÍCIO, 2014).

Assim, quando a escola perceber que precisa, juntamente com outras esferas da sociedade, informar e conscientizar os jovens quanto aos malefícios que essas agressões digitais podem causar, esse assunto começara a ganhar a importância e relevância que merece. Pois, o cenário atual em que temos uma sociedade cada vez mais digital, não tem como nos esquivarmos da necessidade de se educar e orientar os jovens quanto à maneira, e as condutas que devemos ter dentro do ambiente virtual (PINHEIROS, 2010).

Uma vez que os casos de *cyberbullying* só tendem a aumentar de número, como vemos em Rodeghiero (2012) ao citar uma pesquisa da Plan, que é uma organização não governamental de origem inglesa, o Brasil apresenta um percentual de 17% dos estudantes de 10 a 14 anos que relataram que já foram vítimas de *cyberbullying* no mínimo uma vez. (RODEGHIERO, 2012).

Além disso, atualmente é visto certa descrença dos jovens no combate do *cyberbullying*, pois eles comentam que não acreditam que os adultos, incluindo professores e pais, possam lhe ajudar quando ocorrem casos de *cyberbullying* (AGATSTON, KOWALSKI, e LIMBER, 2007).

Outro problema relatado, é que na visão dos adolescentes, o medo de perder certos privilégios, como o uso de telefones celulares e até mesmo a restrição do acesso à internet, são algumas das principais razões para que silenciem quando algum ato de *cyberbullying* ocorre (WENDT & LISBOA, 2014).

Assim para que começamos a conscientizar é necessário que a comunidade escolar (familiares, docentes, coordenação e direção) estejam preparados para trabalhar esse assunto. Isso precisa ser feito com a preparação, pois como vemos em Wendt; Lisboa.

Em determinadas culturas, como a brasileira, ainda impera um certo distanciamento em termos de conhecimentos acerca de tecnologias entre pais, filhos e, inclusive, entre professores e alunos. Estas diferenças, em termos de uso e conhecimento de tecnologias da informação e comunicação, podem deixar adultos e jovens afastados (WENDT; LISBOA, 2014, p.49).

Dessa forma, é importante fazer com que alunos e pais e professores falem a mesma língua digital, segundo Wendt; Lisboa,

Programas de intervenção direcionados a escolas podem incluir grupos com pais e atividades interativas que envolvam o uso de tecnologias e promovam trocas entre pais, professores e alunos. Suporte emocional e consciência acerca dos riscos, além dos benefícios do contexto virtual, na atualidade, devem ser focos de intervenções focais e preventivas (WENDT; LISBOA 2014 p.49).

Mas para termos reais mudanças, e uma verdadeira conscientização todos os setores devem trabalhar em prol de um mesmo objetivo. Para que possamos conscientizar e criar uma legislação para que possamos combater esses casos.

3.5. Legislação

Um dos impactos que ocorre decorrente do avanço das TIC encontra-se a esfera legislativa e jurídica, pois está também precisou se adaptar à nova forma de relações pessoais dentro do mundo virtual, conforme diversos casos de abuso e violência foram surgindo. Assim foi preciso criar leis que contemplassem as situações que ocorrem virtualmente.

A partir da análise dessa necessidade de regulamentar as ações no ambiente virtual, foi elaborado o marco regulatório civil brasileiro, estando redigido na forma da lei 12.965 que dentro de todo o seu texto dispõem no seu artigo 6º que:

Na interpretação desta Lei serão levados em conta, além dos fundamentos, princípios e objetivos previstos, a natureza da internet, seus usos e costumes particulares e sua importância para a promoção do desenvolvimento humano, econômico, social e cultural (BRASIL, 2014).

Além de fornecer ao usuário no ambiente virtual o direito a inviolabilidade da intimidade e da vida privada, sua proteção e indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação (Artigo 7º, lei 12.965 de 2014).

Porém em nenhum momento a lei 12.965/14 conceitua o que é *cyberbullying* e como este será tratado nos diferentes ambientes sociais. Dessa forma foi elaborada a lei 13.185/15, ao que ela sancionou o Programa de Combate à intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional. Ficando estipulado que,

todo o ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la, causando dor e angústia à vítima. Em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2014, p. 1)

Sendo relatado na lei que (cyber) bullying é classificada conforme suas ações praticadas que visam agredir de forma psicológica essas pessoas. Porém esta lei apresenta diversas brechas na sua regulamentação, pois embora especifique a responsabilidade pela implantação das medidas anti-Bullying a lei não define sanções pelo seu descumprimento. Ou seja, ela não apresenta nenhuma punição para os agentes agressores, mesmo que no código civil, no código penal e em leis especiais como a do Assédio Sexual que encontraremos as consequências para aquele que praticar Bullying, observa-se necessárias leis específicas para esse tipo de crimes.

Bem como não havia nenhuma especificação na Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB 9394/96) sobre segurança escolar. E somente a partir do projeto de lei nº 708/ 15 que foi acrescentado na LDB à definição de segurança escolar além de atribuir as responsabilidades a todos os entes federados, nas três esferas, além dos sistemas de ensino federais, estaduais e municipais. Dessa forma, todos passam a ter

responsabilidade na formação de medidas que colaborem com a criação e a manutenção de um ambiente escolar saudável e seguro.

Em nível estadual e municipal também foram desenvolvidas, ou estão sendo, desenvolvidos projetos de leis e leis que visam o combate das agressões ocorridas nas escolas. Um delas é a de lei estadual nº 13.474/ 10, que dispõe sobre o combate da prática de bullying nas instituições de ensino públicas e privadas. A lei não tem caráter punitivo e sim com viés pedagógico. Como se observa no seu artigo 3º, que apresenta os objetivos da mesma, no inciso VIII:

Orientar os agressores e seus familiares, a partir de levantamentos específicos, caso a caso, sobre os valores, as condições e as experiências prévias, dentro e fora das instituições de que trata esta Lei, correlacionadas à prática do “bullying”, de modo a conscientizá-los a respeito das consequências de seus atos e a garantir o compromisso dos agressores com um convívio respeitoso e solidário com seus pares (RIO GRANDE DO SUL, 2010. p. 2).

E no e inciso IX:

evitar tanto quanto possível a punição dos agressores, privilegiando mecanismos alternativos como, por exemplo, os “círculos restaurativos”, a fim de promover sua efetiva responsabilização e mudança de comportamento (BRASIL, 2010. p.2).

Dessa forma, verifica-se que o foco da lei não está na punição dos agressores, mas na tentativa de orientá-los, e principalmente na atenção às vítimas. Mostrando dessa forma que essas questões ainda são tratadas como transgressões que só devem ter um caráter educativo e não como um crime que deve ser punido com rigor.

Em consonância com essa lei, mesmo está sendo de uma data anterior, podemos citar a lei 14.030/ 12, que instituiu nas escolas da rede de ensino estadual as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolas - CIPAVE. Possuindo como uma das suas competências o planejamento e a recomendação de medidas de prevenção dos acidentes e de casos de violência.

Em nível municipal pode-se destacar a lei nº 7925/ 15 de Caxias do Sul, que instituiu a Semana de Conscientização da Exploração Infantil e Combate aos Crimes de Internet nas Escolas da rede municipal de ensino (Lei nº 7925 de 2015).

O que se verifica ao analisar a legislação sobre os casos de bullying, ou *cyberbullying*, é que estão são extremamente recentes, e ainda não abrangem todas as esferas virtuais, pois possuem muitas lacunas e brechas em seus textos. Isso se deve por esses temas, principalmente o *cyberbullying*, serem assuntos recentes que estão começando a ser debatidos e estudados recentemente.

4. METODOLOGIA

A metodologia será apresentada a partir de duas seções, a primeira delas foi nomeada área de estudo e apresenta os locais e suas características, além de caracterizar o público que participou da pesquisa. E a segunda, denominada procedimento de pesquisa, apresenta como foi realizada a pesquisa.

4.1. Área de Estudo

O presente trabalho foi realizado em duas escolas estaduais do estado do Rio Grande do Sul, localizadas na região urbana na região da Serra Gaúcha, sendo uma no município de Caxias do Sul (escola X) e outra em Nova Petrópolis (escola Y). A escolha da escola Y foi devido a facilidade e a interação do pesquisador com a instituição, sendo o mesmo integrante do corpo docente. A escola X foi escolhida devido o contato do professor com o corpo docente da instituição, tendo sido parte do mesmo em anos anteriores. Além disso, essa convivência permitiu a observação, e também foram relatados, diversos casos de ataques virtuais e presenciais a estudantes das instituições.

As duas escolas apresentam diversas semelhanças entre si, mesmo que a escola X esteja localizada em um pequeno bairro e a escola Y seja a maior escola pública de Nova Petrópolis, elas apresentam certa similaridade no público que apresenta, pois ambas possuem um grande envolvimento com a comunidade que está inserida, assim todos os integrantes da comunidade escolar convivem, e se conhecem. Isto se deve por Nova Petrópolis, mesmo sendo uma cidade, possui aspectos similares com o bairro de Caxias do Sul.

O público alvo também é outro fator que podemos apontar como um ponto no fator de comparação, ambas as escolas recebem alunos da região central, como alunos que vem da zona rural, chamadas de léguas, em Caxias do Sul ou linhas em Nova Petrópolis. Sendo que estes possuem uma situação financeira parecida, desde alunos de

classe média alta até alunos de classe média baixa ou em situação vulnerável, que recebem auxílio do governo.

Uma diferença notada é disponibilidade de internet nas escolas, pois enquanto que na escola Y este acesso é bom, apresentando certa facilidade para os alunos. Na escola X a disponibilidade é prejudicada por causa de sua localização, sendo muito difícil ter sinal de internet, ou esse é muito instável.

Dessa forma, ao presenciar esses casos de agressão virtual, que envolve agentes que estão na escola, e verificar que a instituição educacional, normalmente, não os considera como um problema seu, o pesquisador resolveu não somente observar, mas realizar um diagnóstico e a partir disso fornecer subsídios para uma conscientização de toda a comunidade escolar para os efeitos negativos desses ataques. Conforme o autor Thiollent, no uso de métodos participativos e ao uso da pesquisa – ação,

[...] os pesquisadores precisam definir novos tipos de exigências e de utilização do conhecimento para contribuírem para a transformação da situação. Isto exige que as funções sociais do conhecimento sejam adequadamente controladas para favorecer as condições do seu uso efetivo. Dentro de um equacionamento realista dos problemas educacionais, tal controle visa minimizar os usos meramente burocráticos ou simbólicos e maximizar os usos realmente transformadores (THIOLLENT, 1986, p. 75).

Thiollent (1986) também afirma que a metodologia deve ser proposta a partir da observação antropológica e deve ter o comprometimento do pesquisador com causas populares, que visem a transformação de atitudes.

As escolas em questão possuem três turnos de trabalho, sendo que a escola Y tem um regime de trabalho dividido da seguinte maneira: manhã ensino médio e educação infantil, tarde ensino fundamental, contra turno do ensino médio e educação infantil e noite ensino médio e EJA. A escola X possui um regime de trabalho de três turnos atendendo somente o ensino médio. Possuindo as duas escolas juntas um total de 616 alunos de ensino médio.

4.2. Procedimento da Pesquisa

Tratou-se de um diagnóstico quantitativo, que utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário. Conforme Dalfovo, Lana e Silveira sobre a pesquisa quantitativa,

[...] os estudos de campo quantitativos guiam-se por um modelo de pesquisa onde o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, a partir dos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. Uma lista de consequências é então deduzida das hipóteses. A coleta de dados enfatizará números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das consequências, e daí então a aceitação (ainda que provisória) ou não das hipóteses. (DALFOVO. M. S; LANA. R.A; SILVEIRA. A, 2008, p. 7).

O estudo quantitativo foi realizado a partir de um questionário, que foi aplicado somente para o corpo discente, ou seja, aos alunos do ensino médio, pois conforme a literatura apresenta os maiores casos de *cyberbullying* ocorrem entre adolescentes. O questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de pergunta, que apresenta como vantagens segundo o autor Marconi (2002), economia de tempo, atinge maior número de pessoas simultaneamente, obtém respostas mais rápidas e mais precisas, há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato, menor risco de distorção, pela não influência do pesquisador.

O questionário¹, disponível no Apêndice A, foi elaborado com o auxílio da ferramenta gratuita chamada Formulários do Google, encontrada no endereço eletrônico: <https://docs.google.com/forms/u/0/>².

O mesmo apresentou perguntas semiabertas sobre *cyberbullying*, uso das mídias sociais e ferramentas digitais. Contando com 18 questões sendo em 15 de múltipla escolha e caixa de seleção, ou seja, objetivas, e 3 descritivas, ou seja, abertas.

¹ Questionário foi elaborado com a colaboração dos colegas de curso Luciane Ludwig De David e Maristéla Valim da Silva.

² Google docs: ferramenta utilizada para criar formulários personalizados para pesquisas e questionários, sem qualquer custo adicional, que permite desenvolver de perguntas, desde escolha múltipla a menus pendentes ou a uma escala linear e tem suas respostas aos inquéritos recolhidas de forma automática e eficiente sendo gerados informações e gráficos de resposta que podem ser consultados em tempo real.

As perguntas abordaram questões de identificação como: idade, sexo, e outras sobre comportamentos com TIC como mídias mais utilizadas e seu tempo de permanência na internet; além de questões relativas ao nível de conhecimento sobre as práticas, a legislação específica, punição e medidas de prevenção do *cyberbullying*. Foi aplicado à 451 alunos do ensino médio das escolas estaduais em questão, estando disponível para respostas do dia 22 de outubro a 26 de outubro de 2018. Dentre estes estudantes 204 eram do sexo masculino, ou seja, 45% do total e 247 do sexo feminino, ou seja, 55% do total. Tendo estas idades de 14 anos a mais de 18 anos. Para a realização da coleta cada turma foi encaminhada para o LIE para responderem o questionário on-line.

A escolha desse método de pesquisa quantitativo deve-se a facilidade de aplicação quando se envolve uma amostra grande de alunos e que se precisa ter uma ampla quantidade de informações sobre o fenômeno e toda a sua extensão em um período curto de tempo (CANTINI, 2004). A tabulação dos dados obtidos através das perguntas objetivas foi feita analisando os gráficos e a planilha de respostas produzidas pelo *Formulário do Google*, com a utilização do programa Excel, que conforme o site <https://www.aprenderexcel.com.br/2013/tutoriais/o-que-e-excel>, ele é um

Excel ou Microsoft Excel é um aplicativo de criação de planilhas eletrônicas. Foi criado pela Microsoft em 1987 para computadores [...] é um programa de software que lhe permite criar tabelas e calcular e analisar dados. [...] O Excel permite-lhe criar tabelas que calculam automaticamente os totais de valores numéricos introduzidos, imprimir tabelas em esquemas atrativos e criar gráficos simples. (MEYER, 2013)

Sendo este utilizado para realizar a análise dos dados obtidos e os cruzamentos entre as informações fornecidas pelo questionário. Para a verificação das perguntas abertas (descritivas) foi utilizada a análise de corpus. Conforme Kader & Richter

A Linguística de Corpus é uma metodologia relativamente nova para os estudos da língua e pode ser aplicada em muitas áreas linguísticas, tais como: sintaxe, semântica, fonética e sociolinguística, dentre outras (KADER; RICHTER, 2013, p.14).

Para a análise do corpus optou-se por utilizar a mineração de texto através da ferramenta Sobek. Esta ferramenta é um *software* gratuito, desenvolvido no Programa

de Pós-Graduação em Informática na Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o seu *download* pode ser feito no endereço eletrônico: <http://sobek.ufrgs.br>.

Tem sua utilização voltada, principalmente, para contextos educativos, sendo um excelente suporte pedagógico. Sendo capaz de identificar conceitos relevantes dentro de um texto, ao verificar a frequência destes termos, esse processo é conhecido como mineração de texto. Para os autores a mineração,

Mineração de textos (Text Mining) é um Processo de Descoberta de Conhecimento, que utiliza técnicas de análise e extração de dados a partir de textos, frases ou apenas palavras. Envolve a aplicação de algoritmos computacionais que processam textos e identificam informações úteis e implícitas, que normalmente não poderiam ser recuperadas (MORAIS; AMBRÓSIO, 2007, p.1).

Dessa forma, a utilização dessa ferramenta oportuniza a análise das relações de ideias de um texto pela repetição de termos utilizados. Estes textos formados são chamados de grafos, segundo,

Os dados extraídos do texto são apresentados em uma estrutura organizadora denominada grafo, uma forma de representar relações entre elementos de um determinado conjunto baseada na Teoria dos Grafos da Matemática. Estes organizadores são formados basicamente por dois componentes: os nós ou vértices [...] (COSTA; REATEGUI 2013, p.732).

A mineração de texto é uma ferramenta extremamente útil, principalmente quando necessitamos agrupar e verificar textos ou respostas de perguntas, os grafos, que possuem um padrão de termos e grande volume de dados. Dessa forma, ela permite que seja realizada uma tabulação de texto de forma mais visual, dinâmica e de maneira mais rápida do que se tivesse que ler todas as respostas e agrupá-las. Assim a mineração de dados pelo SOBEK permitiu trabalhar os dados coletados com simplicidade, mas com grande fidedignidade na verificação das ideias que os dados coletados apresentam.

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os dados obtidos após a aplicação do questionário sobre o tema *cyberbullying*. Ele estará dividido em seções, conforme foi feita a divisão do questionário aplicados aos alunos, estas irão fazer um cruzamento entre as informações coletadas para se ter um melhor embasamento e assim fazer uma análise com mais detalhes sobre o tema. A primeira parte do questionário abordou perguntas de questões pessoais, para com isso poder ser feito a caracterização do grupo pesquisado. Com isso pode se fazer a relação que ocorre entre a prática do *cyberbullying* com seus agressores e vítimas. Além disso buscou-se verificar se a maneira e o tempo que eles utilizam as mídias sociais influenciam para eles se tornarem vítimas ou agressores.

No segundo momento foram apresentadas questões para analisar o nível de conhecimento dos estudantes sobre as práticas e os termos relacionados ao *cyberbullying* e com isso poder fazer uma análise de como esse nível influencia para o aluno ser uma vítima ou um agressor virtual. E por último irá verificar se os alunos conhecem a legislação vigente aplicada a essas práticas, e se esse conhecimento influencia na maneira como eles percebem o *cyberbullying* numa visão da aplicação de punições aos seus praticantes.

5.1. O tema *cyberbullying* entre alunos do ensino médio

A pesquisa abrangeu o corpo discente das duas escolas de ensino médio selecionadas, conforme apontado na metodologia. Sendo o universo amostral composto por um total de 616 estudantes matriculados no somatório das duas escolas, porém somente 451 responderam o questionário, ou seja, 73% dos alunos de ensino médio que compõem o quadro das duas escolas juntas. Este fato é explicado pela frequência de muitos estudantes a escola, em que vários faltaram nos dias de aplicação do questionário ou de alunos que estão matriculados, mas não comparecem às aulas,

mesmo sendo menores de idade, assim a escola precisa notificar o conselho tutelar e fazer a FICAI dos mesmos.

5.2. Da caracterização do grupo pesquisado e do nível de conhecimento dos termos de *cyberbullying*.

Os alunos participantes da pesquisa, apresentaram idades entre 14 e mais de 18 anos, como mostra a figura 1:

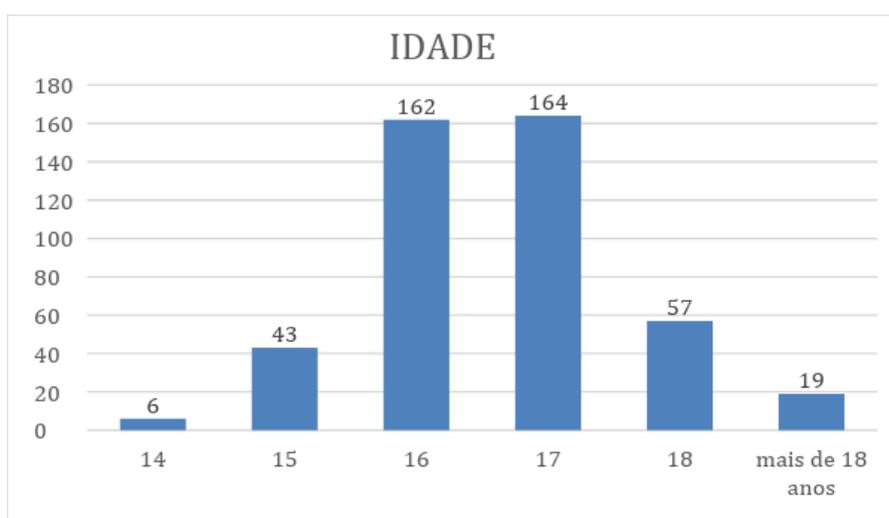


Figura 1: Gráfico Idade dos alunos participantes da pesquisa.

Fonte: Redaelli (2018)

Observa-se que os uma grande parcela dos alunos matriculados nas duas escolas estão dentro da faixa regular do ensino médio, entre os 15 anos e os 17 anos, conforme preconiza a LDB. Estes representaram 81 % dos participantes da pesquisa. Enquanto que 18% dos estudantes possuem idade de 18 anos ou mais, que já possibilitaria eles estarem aptos para frequentar EJA. Os outros participantes apresentaram uma idade de 14 anos, que pode ser explicado por estes ainda não terem feito aniversário no ano vigente do trabalho.

A questão número 3 examinou o que os estudantes entendiam por *cyberbullying*. Na Figura 2 consta o grafo gerado pela ferramenta de mineração de texto Sobek, esta permitiu que fossem encontradas as palavras que apareciam com maior frequência, sendo estas, “bullying, virtual, redes sociais, através e internet”.

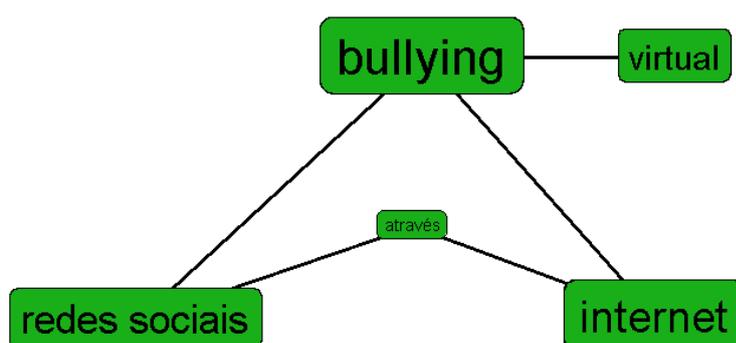


Figura 2: Grafo das respostas da questão 3. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Dessa forma, segundo os estudantes, compreende-se que na visão deles o *cyberbullying* é uma forma de *bullying* virtual que ocorre na internet, mais especificamente nas redes sociais. Assim, foi necessário verificar quais os principais tipos de mídias sociais e por quanto tempo os alunos as utilizavam (figura 3).

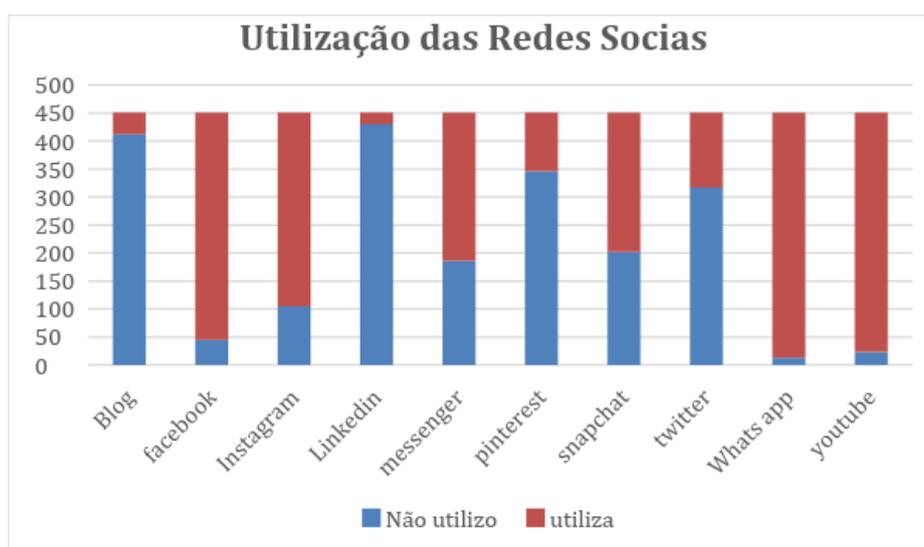


Figura 3: Gráfico Utilização das redes sociais. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Verifica-se que eles utilizam principalmente o *Whats app* (438), *Youtube* (428), *Facebook* (406) e o *Instagram* (346). Mostrando que eles estão conectados nas mídias

que permitem o compartilhamento instantâneo de mensagens, vídeos e fotos. Os menos utilizados são o *LinkedIn* (21), *Blog* (39) e o *Pinterest* (105), o que corrobora com as informações acima, pois estas são redes que não são voltadas para compartilhamento de dados pessoais, mas sim de trabalhos profissionais, postagens de artigos e hobbies.

Outras mídias sociais também foram citadas, mas não com uma utilização tão relevante, são elas “*curioscat, deviantart, discord, Kakaotalk, grupos de jogos online, line, reddit, Skype, tinder, Tumblr, telegrama, watsapp*”, todas estas permitem que seus usuários tenham contato com outras pessoas por troca de informações por mensagens ou elementos gráficos.

Ao analisar o tempo que cada estudante, que utiliza sites de redes sociais mencionadas (figura 4) percebe-se que dentro das mídias sociais mais usadas por eles é no *whats app* que eles mais permanecem: dos 438 alunos que utilizam essa mídia, 178 usam ela por mais de 7 horas diárias, ou seja, uma porcentagem de 41% dos usuários dessa rede. Já o *facebook* e o *youtube* apresentaram que a grande maioria dos seus usuários os utilizam por cerca de duas horas diárias. Não foi perguntado se o uso dessas redes é simultâneo, mas observando os alunos é possível perceber que na maior parte das vezes usam as diferentes mídias ao mesmo tempo.

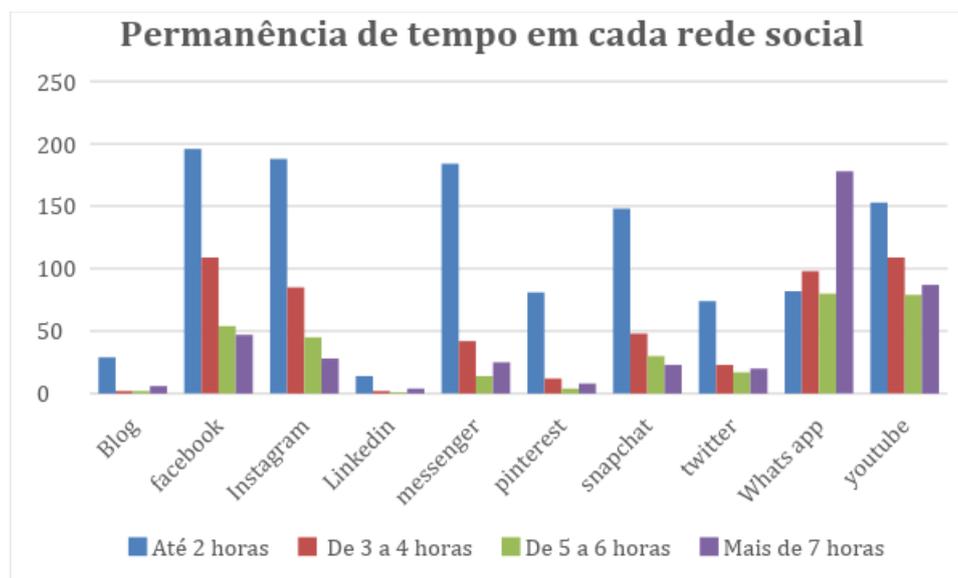


Figura 4: Gráfico Permanência de tempo em cada rede social. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Em relação ao grau conhecimento sobre termos relacionados ao *cyberbullying*, observou-se (figura 5) que os alunos na sua grande maioria não sabiam o significado

dos termos *cyberstalking* (38%), *flaming* (4%), *happy slapping* (5%), *outing* (5%) e *sexting* (14%). Isto demonstra que mesmo eles tendo um grande acesso a internet eles não conhecem termos utilizados no meio virtual, não demonstram conhecimentos talvez para se defender se alguma das ações que cada termo representa ocorresse com eles.

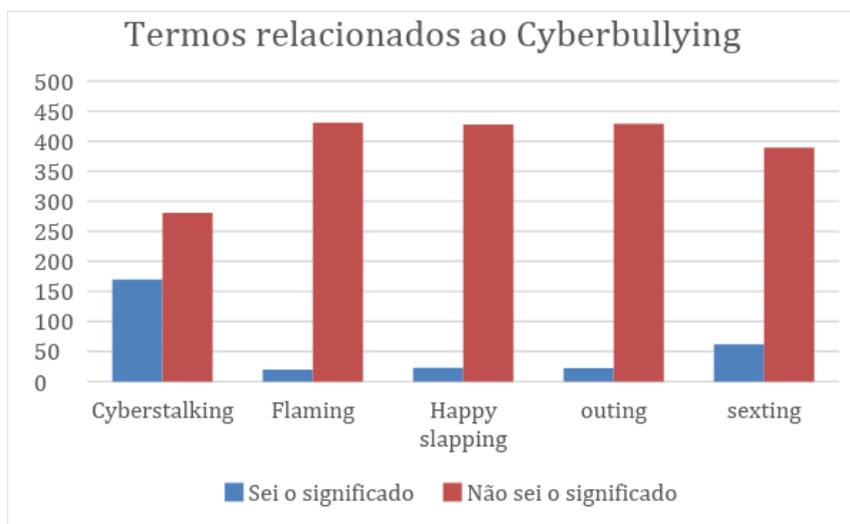


Figura 5: Gráfico Termos relacionados ao cyberbullying. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Ao verificar se os alunos conhecem o significado das seguintes definições, “Agressão física feita com a intenção de realizar uma filmagem e postar nas mídias sociais”; “Agressão on-line que inclui ameaças de dano ou intimidação excessiva”; “Enviar ou postar material sobre uma pessoa contendo informação sensível, privada ou constrangedora”; “Envio de mensagens vulgares ou que mostram hostilidade em relação a uma pessoa”; “Envio ou compartilhamento eletrônico de materiais eróticos e sensuais através das mídias sociais”. Obteve-se como resultado que 84% dos alunos conhecem uma, ou mais, das definições acima.

O conhecimento, e seu entendimento dessas definições é importante, pois nelas estas contidas as ações definidas para a prática de *cyberbullying*. Dessa forma, pode-se verificar que os alunos sabem o que as definições significam e representam.

Estas primeiras perguntas permitiram realizar a caracterização do grupo amostral, sabendo as características de seus participantes e seu nível de conhecimento sobre temas relacionados ao ambiente virtual e ao *cyberbullying*. A partir delas foi

possível fazer uma verificação através de combinações das respostas dos alunos, para que com isso se possa caracterizar e verificar a incidência do *cyberbullying*.

5.3. Da relação entre as características dos agressores e vítimas e do seu conhecimento sobre as práticas de *cyberbullying*.

Nas questões relativas a certas ações dos alunos dentro de atividades realizadas no ambiente virtual percebe-se certas condutas que os potencializam como vítimas de *cyberbullying* e outras como possíveis agressores. Também mostram o nível de auto exposição na internet. Em termos numéricos percebeu-se se que 87% dos alunos já sofreram alguma ação que os identificam com possíveis vítimas de *cyberbullying*, 72% já praticaram alguma ação como possíveis agressores e 51% realizam ações que implicam auto exposição na internet.

Estes dados mostram que posturas relacionadas ao *cyberbullying* ocorrem em quantidade, de forma que as escolas precisam de ações de prevenção e combate para que os alunos não se sintam desprotegidos e venham a ter sequelas que podem ser irreparáveis para as suas vidas. Ao realizar cruzamentos entre esses dados por sexo verificou-se que dos 394 casos de possíveis vítimas de *cyberbullying* 57% são do sexo feminino e 43 % são do sexo masculino, indicando mulheres como vítimas mais potenciais do que os homens. Já no que concerne a prática de agressões dos 326 participantes que as praticam 54% são do sexo feminino e 46% do sexo masculino.

Isto representa que as mulheres estão utilizando mais as redes sociais como forma de interação social, sendo explicado quando se observa a combinação entre auto exposição e sexo dos participantes, em que se vê que 61% das mulheres responderam que realizam auto exposição nas redes sociais, enquanto que 39 % dos homens dizem que se auto expõem em demasia nas redes virtuais.

Outra combinação realizada foi entre as idades dos participantes com a possibilidade de eles serem vítimas de *cyberbullying* (figura 6).

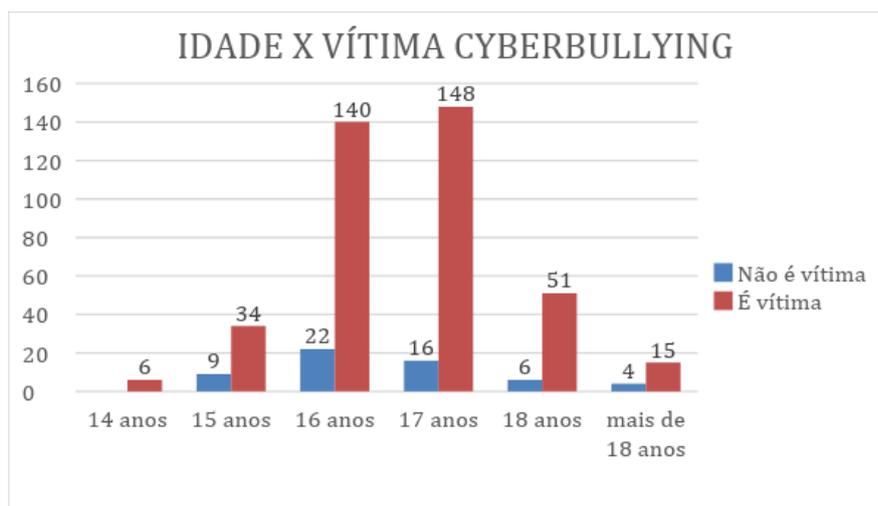


Figura 6: Gráfico Idade dos participantes x vítimas de cyberbullying. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Destaque para o fato que 100% dos participantes com 14 anos relatam que já sofreram algum tipo de agressão virtual, 79% dos que tem 15 anos, 86% dos jovens com 16 anos, 90% dos jovens com 17 anos, 89% dos que tem 18 anos e 79% dos que possuem mais de 18 anos. Mostrando que essas ações ocorrem em grande quantidade independente da sua faixa etária.

Ao combinar a idade com os praticantes de *cyberbullying* verifica-se que do total de participantes que tem 14 anos 83% deles praticam *cyberbullying*, dos que tem 15 anos 74%, dos que tem 16 anos 71%, dos de 17 anos 73%, dos 18 anos 77% e os que tem mais de 18 anos 47%. Isso representa uma equidade das faixas etárias que praticam agressões no ambiente virtual até os 18 anos, tendo uma queda significativa no número de praticantes quando analisamos a faixa etária com mais de 18 anos.

Esses dados demonstram a importância de se realizar um trabalho significativo e específico com os jovens em relação as suas ações no ambiente virtual, sendo importante trabalhar com eles desde cedo para que dessa forma sejam diminuídos os efeitos negativos que as agressões virtuais podem causar no âmbito psicológico, social, cultural e na aprendizagem.

Inclusive, pois ao fazer uma combinação entre os jovens que são vítimas de *cyberbullying* verificou-se que 76% dos 394 alunos que se enquadram no perfil de vítima de cyberbullying também praticam *bullying*. Sendo isso um fator, extremamente interessante em se analisar o porquê desses jovens que sofrem agressões se sentem no “direito” ou na “necessidade” de realizar as mesmas ações com outras pessoas numa

visível dificuldade de desenvolvimento de empatia. E também de verificar se esse comportamento não seria uma forma de autodefesa, no momento que ao fazer com outras pessoas o mesmo tipo de ataque que fazem comigo não estou me sentindo parte do grupo, e dessa forma, diminuindo o sofrimento que isso me causa. Nesse sentido, teria que se fazer um trabalho de conscientização e de apoio psicológico com eles para entender os motivos dessas ações dentro desse grupo específico.

Nessa mesma linha, obteve-se um resultado, em que foi cruzado o nível de conhecimento em relação a quem pratica *cyberbullying*. Nele a grande maioria dos estudantes das escolas pesquisadas, ou seja, 61% conhecem as definições de *cyberbullying* e mesmo assim são praticantes dessa forma de agrsões. enquanto que 33% não conheciam as definições, mas confirmaram que praticam alguma ação que caracterize *cyberbullying* e somente 6% não conhecem as definições e não praticam ações nessa linha.

Isso demonstra que somente saber o significado e conhecer o que é *cyberbullying* não é suficiente para impedir que as pessoas deixem de o praticar. Sendo necessário realiar uma intervenção e acompanhamento das atitudes desses indivíduos, ou seja, fazer uma conscientização através de palestras, atendimentos individuais, trabalhos em grupo, para que com isso possa-se mudar a forma como ocorre os relacionamentos no ambiente virtual.

Um grupo que não apresentou uma grande porcentagem dentro do grupo pesquisado, mas que merece um destaque são os alunos que sofrem as agressões virtuais, mas não tem um conhecimento em relação à definição de *cyberbullying*. Sendo que dos 451 alunos pesquisados, somente 12% do total (figura 7):

CONHECE DEFINIÇÕES CYBERBULLYING X VÍTIMA DE CYBERBULLYING



Figura 7: Gráfico Conhece definições sobre *cyberbullying* x Vítima de *cyberbullying*. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Este dado demonstra que estes alunos estão sofrendo agressões no mundo virtual, mas por não saberem conceituar ou definir elas dentro de um termo, talvez não devem saber como relatar esses casos para pessoas responsáveis ou autoridades. Sendo necessário ter um olhar e ações específicas para esse grupo. Para que através de palestras, debates, cursos e atendimentos individualizados eles possam identificar e definir essas ações, fazendo com que estes casos sejam relatados e assim possa se tomar as medidas preventivas e punitivas necessárias.

Todos esses dados corroboram com a pergunta 12, que aponta o alto percentual de 84% dos jovens dos que sofrem quanto dos jovens que praticam agressões digitais acham importante, necessário e fundamental conhecer, debater e falar mais sobre *cyberbullying*, para isso se torna fundamental um maior apoio dos pais, autoridades civis e das instituições, entre elas a escola, promover ações que trabalhem o tema para conscientizar, instruir e moralizar os jovens e toda a comunidade sobre os malefícios que essa prática provoca nas pessoas, principalmente nos jovens.

5.4. Do conhecimento sobre as leis que regem o ambiente virtual e da responsabilidade criminal da prática de *cyberbullying*

As perguntas 13 e 14 tiveram o intuito de verificar o comportamento dos estudantes dentro de duas situações que envolvem *cyberbullying*, a primeira delas

pretendeu verificar o que o aluno que estava respondendo faria se recebesse fotos íntimas de um colega. Dentre as alternativas 11% deletam as fotos e avisa algum responsável ou autoridades, 47% deletam as fotos e avisa o colega, 34% vê as fotos e deleta ou 8% vê as fotos e compartilha, pois, é culpa do (a) colega tê-las tirado e postado, indicando que não atribui a si a responsabilidade de não propagar atitude inadequada de outro. Será que esse aluno, sabendo que uma mercadoria foi roubada, a compraria `pois não foi ele que roubou`, sem perceber que tal atitude também é inadequada?

A pergunta 14 questionava o que o respondente faria se soubesse que algum colega de escola está sofrendo agressões virtuais, dentro das respostas obteve-se que 65% dos estudantes avisariam pais, professores ou direção da escola, 34% ficam indiferentes à situação e 1%, ou seja, 3 alunos que responderam disseram que compartilhariam e ajudariam a fazer as agressões. Esses resultados, vão contra o que vemos na grande maioria dos casos divulgados na mídia, ou vistos nas redes sociais e até mesmo dentro de casos já observados de alunos que sofreram agressões ou tiveram fotos e vídeos sexuais divulgados dentro das escolas onde se realizou as pesquisas. Onde observa-se que as pessoas, em geral, compartilham vídeos, mensagens, imagens, sem se preocupar se estão ou não cometendo uma prática ilegal, que pode causar danos a pessoa que teve sua imagem exposta.

Mesmo tendo uma pequena representatividade os resultados em que os alunos disseram que compartilhariam o conteúdo íntimo ou fariam as agressões, merecem ser destacados, pois, conforme a legislação brasileira eles estão cometendo um crime, que está sancionado dentro do código penal brasileiro ou disposto na lei 13.185 que institui o programa de combate a intimidação sistemática, entre elas o *cyberbullying*. E como foi identificado na pesquisa 78% dos alunos não conhecem a legislação vigente, sendo esse fato destacado abaixo (figura8):

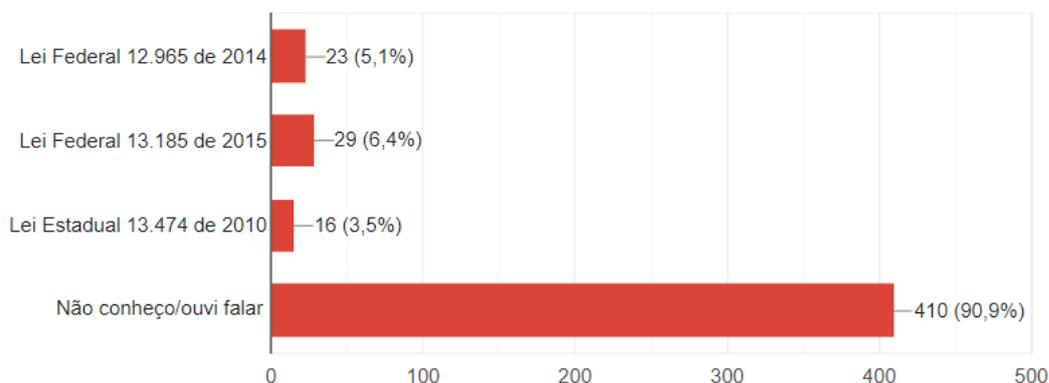


Figura 8: Gráfico Conhecimento da legislação referente ao *cyberbullying*. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Nele verifica-se que os alunos, 90% do total, não conhecem a legislação referente ao *cyberbullying*. Assim, pode-se supor que por não conhecerem as leis eles também não devem saber os direitos e os deveres que tem em relação ao assunto. Dessa forma, ao sofrer essas agressões ou a praticá-las os alunos não saberão como agir para impedir as agressões ou não saberão a que tipo de penalizações poderão sofrer.

Essa falta de conhecimento da legislação vigente está, explicitamente, ligada a prática de *cyberbullying* conforme observa-se (figura 9). Em que, ele demonstra que os alunos que sofrem *bullying* virtual, normalmente, não tem conhecimento da legislação.

Conhece Legislação de cyberbullying x Vítima de Cyberbullying

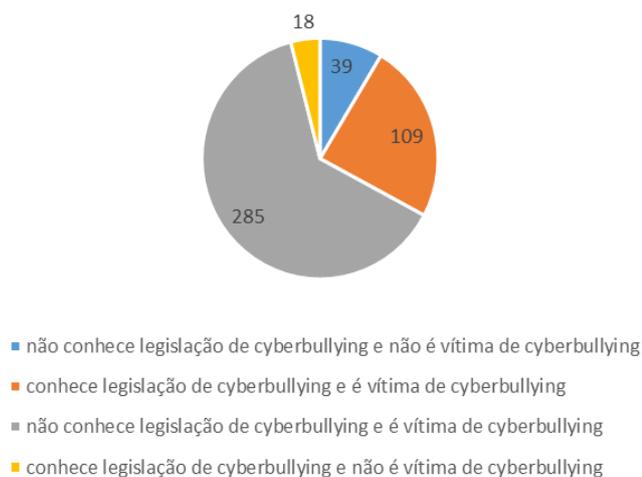


Figura 9: Gráfico Conhecimento da legislação x É vítima de *cyberbullying*. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

O fato de o aluno não conhecer a legislação e sofrer agressões virtuais (63%) faz com que esses casos necessitem de uma atenção maior por parte das instituições e autoridades, pois estes além de estar sofrendo psicologicamente todas os malefícios que essa prática pode causar, eles provavelmente ainda não sabem como agir para fazê-las parar, porque não conhecem seus direitos. Sendo extremamente necessário fazer atividades para conscientização, mas também para que eles saibam seus direitos.

Essas atividades devem tratar também sobre como os agressores são penalizados (figura 10):

Conhecimento da Legislação x Pratica Cyberbullying

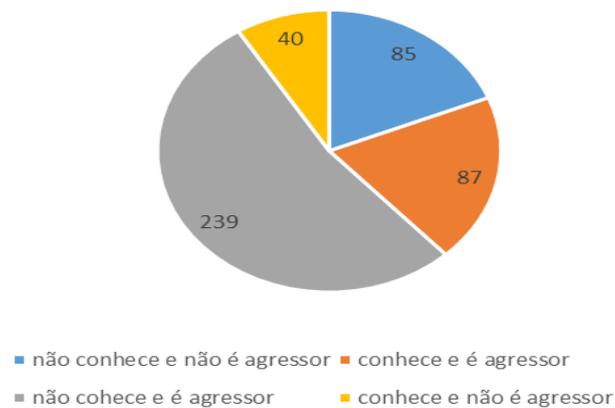


Figura 10: Gráfico Conhecimento da legislação x pratica cyberbullying. Fonte: Redaelli, Rafael.

Observa-se que 53% dos estudantes que são agressores também não conhecem a legislação vigente, fazendo com que eles não saibam quais são as penalizações que o código civil aplica a quem realiza atividades que agridam outrem na internet, mas esse fato não é uma desculpa para estes não serem punidos pelos atos que praticam – o desconhecimento da lei não faz com que essa não seja passível de aplicação. Outro fator observado, e que pode explicar, também é visualizado no gráfico 7, de que 19% dos alunos que praticam *bullying virtual* conhecem a legislação, é que não possuímos leis efetivas para combater essas ações. Conforme a Lei 13.185 dentro do artigo 4 no inciso VIII deve se “evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil” (BRASIL, 2015. p.2). Além de que conforme o inciso IX do artigo 4 é importante,

promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar (BRASIL, 2015. p.2)

Claro que se deve conscientizar as pessoas contra essas atitudes que geram tantos problemas, porém a falta de punição pode gerar um pensamento nestes alunos que eles podem realizar essas agressões que não irá acontecer nada com eles. Necessária severidade, pois, na aplicação de lei que preveja penalidades quando publicam, compartilham, vendem imagens e vídeos de sexo, nudez ou pornografia sem consentimento, ou quando ocorre o *hackeamento* do computador, celular e posterior vazamento de fotos e cenas constrangedoras para a vítima, conforme a lei Carolina Dieckmann (Lei 12.737/2012).

Além disso, temos a falta de conhecimento na utilização das novas tecnologias pelos adultos, pais e profissionais da educação, que por não terem o mínimo de conhecimento das mesmas, não conseguem controlar ou perceber o que seu filho ou aluno fazem dentro desse ambiente virtual faz com que eles possam agir livremente dentro do ambiente virtual.

Ao questionar aos estudantes como os praticantes de *cyberbullying* deveriam ser punidos, verifica-se que 79% deles considera *cyberbullying* crime e que o agressor deve ser responsabilizado criminalmente. Porém, observou-se antes eles não tenham conhecimento da legislação e da forma de punição prevista para essa prática. Outros 13% disseram que os agressores devem sofrer, num primeiro momento, uma advertência verbal ou escrita e somente se continuar ocorrendo realizando as agressões deve sofrer uma punição mais severa. Uma pequena parcela respondeu que quem o pratica não deve sofrer nenhum tipo de punição, pois é bobagem, ou que eles devem sofrer uma punição mais severa como ir preso ou a pena de morte.

No questionamento sobre quais deveriam ser as medidas de prevenção para evitar que o *cyberbullying* ocorresse, pergunta aberta, destacam-se (Figura 11) as seguintes palavras “internet, redes sociais, falar, cuidar, pessoa, internet, controle, punição, não se expor e não sei”:

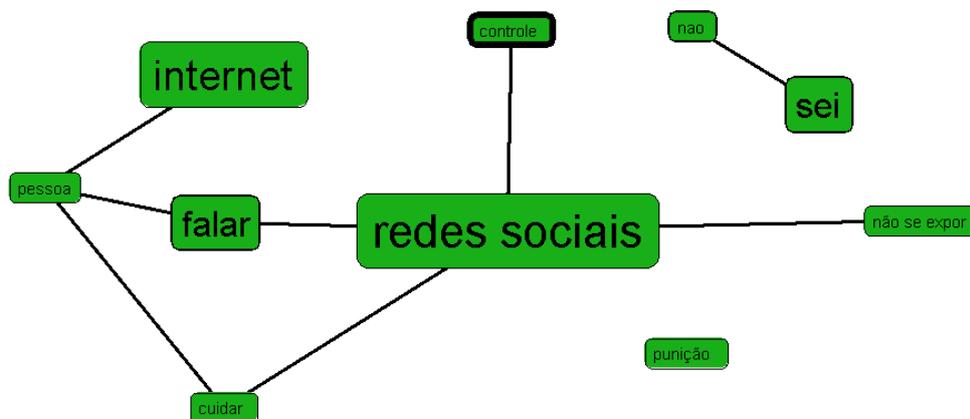


Figura 11: Grafo das respostas da questão 18. Fonte: Redaelli, Rafael (2018).

Com esse grafo percebe-se que eles acreditam que quem usa a internet e as redes sociais deve ter um cuidado com quem compartilha suas informações, cuidando para não se expor. Outra forma que apareceu foi que se deve realizar um controle maior sobre as redes sociais, observando quem realiza esse tipo de agressão e a partir disso tomando atitudes para que eles sofram algum tipo de punição. Porém, houve uma frequência de respostas, em que os estudantes disseram que não sabem como o *cyberbullying* pode ser prevenido. A esse fato pode-se atrelar o fato de os alunos não terem conhecimento da legislação, ou por não acreditarem numa forma de impedir que essas pessoas cometam essas ações. E, também, o vácuo do tratamento dessa temática nas escolas pesquisadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como base o preenchimento de um questionário para realizar o diagnóstico do nível de conhecimento sobre *cyberbullying*, legislação específica, além da relação das vítimas e agressores com o uso das mídias e auto exposição virtual entre alunos de duas escolas de ensino médio localizadas na região serrana do Rio Grande do Sul, visando fornecer subsídios para que ações de prevenção sejam realizadas.

A incidência do *cyberbullying* sobre as pessoas, principalmente em grupos de adolescentes, onde se observa que vem tendo um grande aumento nos números de casos. As agressões virtuais provocam danos numa escala muito maior do que o *bullying* tradicional, pois permite que um número maior de pessoas interaja com essas ações, participando ou ressaltando, além de que esse permanece exposto e possa ser divulgado durante um tempo muito maior, e permite que o agressor fique anônimo podendo praticá-lo sem se importar em ser descoberto.

O aumento na utilização da internet, e das redes sociais, permite uma nova forma de interação social entre as pessoas. E como os adolescentes estão utilizando cada vez mais esses meios pode-se perceber o aumento nos casos de agressões virtuais entre eles.

Conforme foi verificado a idade entre 14 e 17 anos não nos permite verificar uma diferença significativa nos adolescentes que praticam ou são vítimas de *cyberbullying*. Tendo a grande maioria deles já praticado e sofrido agressões no ambiente virtual. Porém houve uma mudança significativa nos alunos que tinham mais de 18 anos, em que estes relatavam que não praticavam as agressões, mas sofriam na mesma medida que os menores de idade. Um dos motivos que se supõem para isso é que eles têm um maior receio quanto às penalidades que podem sofrer perante a lei. Em relação ao sexo de cada aluno, analisa-se que as meninas por se exporem e utilizarem mais os sites de redes sociais acabam sofrendo e praticando mais agressões virtuais.

A análise da relação entre o conhecimento sobre as práticas de *cyberbullying* com o comportamento dos alunos apresentou uma questão que devesse ser trabalhada, pois a grande maioria dos adolescentes relataram que sofreram *bullying* também o praticam. Assim, mesmo sabendo o quão prejudicial são essas ações para eles. Os mesmos continuam a praticá-las com outras pessoas.

Ao analisar como os alunos estão expondo sua imagem no ambiente virtual, percebe-se que eles acabam expondo sua imagem em demasia, o que acaba sendo um fator para a realização de atos que podem prejudicar os mesmos.

Todas essas ações culminam com a falta de conhecimento da legislação por parte das pessoas, dessa forma elas não sabem como se comportar e nem como se defender, pois não conhecem seus deveres e direitos.

Dentro de todos esses aspectos, constatou-se que houve algumas restrições no questionário, o que limitou em alguns momentos a pesquisa. Um desses entraves foi não ter feito a distinção do turno em que os alunos se encontravam, dessa forma não foi possível diferenciar o público trabalhador do público constituído por alunos que só estudam. A forma de realização de algumas perguntas também tornou difícil realizar a análise das respostas.

A pesquisa possibilitou averiguar que os alunos necessitam de informação, e que a escola precisa estar acompanhando e promovendo ações efetivas para combater essas práticas juntamente com os pais e outros órgãos da sociedade.

E espera-se que com ela mais pesquisas possam ser realizadas, pois os resultados permitem fazer análises mais profundas através de estudos qualitativos para compreender as atitudes de alguns grupos, um exemplo, são os que mesmo apresentando um maior potencial de vítimas são também quem mais pratica as agressões.

BIBLIOGRAFIA

AGATSTON, P. W., KOWALSKI, R., & LIMBER, S. **Students' perspectives on Cyber Bullying.** *Journal of Adolescent Health*, 41(6), S59-S60. doi:10.1016/j.jadohealth.2007.09.003, 2007.

ANDERSON, C. A., & BUSHMAN, B. J. **Human aggression.** *Annual Review of Psychology*, 53(1), 27-51. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135231, 2002

BELÃO, J. C. F; GRITTEN, J; CARVALHO, J. E. **CYBERBULLYING NA ESCOLA FERRAMENTAS UTILIZADAS PELOS AGRESSORES.** 10 f. Curso de Educação Física, Universidade Católica do Paraná (PUCPR). XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Curitiba, 2015. ISSN: 2176 – 1396.

BERBER SARDINHA, T. **“Análise de Gênero e Linguística de Corpus: identificação das unidades internas do gênero por meio da padronização lexical”.** PUC: SP, 2003. Disponível em: Acesso em: 28 jan. 2013.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 21 dezembro de 2018.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012.** Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014. **Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil.** *Diário Oficial da União*. Seção 1. Ano CLI - n. 77, Brasília - DF, quinta-feira, 24 de abril de 2014, p. 1- 3.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 13.185, de 06 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação.** *Diário Oficial da União*. Seção 1. Ano CLI - n. 77, Brasília - DF, quinta-feira, 6 de novembro de 2015, p. 1- 3.

CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira.** Unpublished doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil, 2004.

CAXIAS DO SUL. Lei n. 7925, de 05 de mar de 2015. **Semana de Conscientização da Exploração Infantil e Combate aos Crimes de Internet nas escolas da rede municipal de ensino do Município de Caxias do Sul.** p. 1-1. Legislação municipal.

COSTA, A. P. M; REATEGUI, E. B. **Emprego de um software baseado em mineração de texto e apresentação gráfica multirrepresentacional como apoio à aprendizagem de conceitos científicos;** 2014; Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A; SILVEIRA, A. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031.

DE DAVID. L. **Cyberbullying: um desafio para os professores.** UFRGS. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação Curso de Especialização em Mídias na Educação, 2018.

MEYER, M. **O Que é Excel?** Disponível em: < <https://www.aprenderexcel.com.br/2013/tutoriais/o-que-e-excel/> > Acessado em: 06 de janeiro de 2019, às 15h09.

GALANI, S. P; MACHADO, A. E. F; & WANZINACK, C. **O Uso das TIC's e o Cyberbullying: Um Estudo Realizado com Escolares do Município de Paranaguá/PR.** Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE). Universidade Federal do Paraná. 2014.

GOULART, A. H. **Adolescência, internet e práticas informacionais.** 2018. 203 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

HANEWALD, R. **Cyber Bullying in educational contexts: what, where and why?** ACEC Digital Diversity Conference. Melbourne, Austrália, p.6-9, April, 2010.

HERRING, S. C. **Cyber Violence: Recognizing and Resisting Abuse in Online Environments.** 2002. Asian Women 14 (Summer): 187-212.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2012.

KADER, C. C. C., & RICHTER, M. G. **Linguística de corpus: Possibilidades e avanços. Instrumento.** 2013. 15(1), 13–23.

LEÃO JUNIOR, C. M. **AS REDES SOCIAIS E O CYBERBULLYING.** X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. UFPR/GELL, 2011.

MALTA, D.C; ET AL. **Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012).** REV BRAS EPIDEMIOL SUPPL PeNSE 2014; pag 92-105 DOI: 10.1590/1809-4503201400050008

MANZINI, R. G. P. **Bullying no Contexto Escolar: Prevenção da Violência e Promoção da Cultura da Paz na Perspectiva de Adultos e Crianças.** Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília ,2013. http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13897/1/2013_RaquelGomesPintoManzini.pdf . Acesso em: 25 de agosto em 2018.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MORAIS, E. A.; AMBRÓSIO, A. P. L. **Mineração de Textos. Relatório Técnico**. Instituto de Informática; Universidade Federal de Goiás, 2007.

PINHEIROS, P. P. **Direito digital**. 4. Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2010. 472p.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants part 1**. ON THE HORIZON. VOL 9, Nº 5. SETEMBRO/OUTUBRO, 2001.

RIGBY, K. **Addressing Bullying in Schools: Theoretical perspectives and their implications**. *School Psychology International*, 25, 2004 287-300. doi:10.1177/0143034304046902

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 13474, de 29 de jun. de 2010. **Combate da prática de “bullying” por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos**. n. 121, p. 1-2, jun. 2010. Legislação estadual.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 14030, de 26 de jun. de 2012. **Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE – no âmbito da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul**. n. 123, p. 1-2, jun. 2012. Legislação estadual.

RODEGHIERO, C. C. **Violência na internet: um estudo do cyberbullying no facebook**. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

SANTOS, A. A dos. **Cyberbullying, mídia e educação à luz do pensamento complexo**. 2017. 239 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo.

SHARIFF, S. **Ciberbullying: Questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família**. Porto Alegre, RS: ArtMed, 2011

SIMPLÍCIO, T. D. C. **Cyberbullying: como a escola pública tem reagido ao uso inadequado da internet, no espaço escolar sem uma legislação específica que o defina**. 2014. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a Distância, 2016. [Monografia].

SLONJE, R., & SMITH, P. K. **Cyberbullying: Another main type of bullying?** *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 2008. 147-154. doi:10.1111/ j.1467-9450.2007.00611.x

SOUZA, S. B; SIMÃO, A. M. V; CAETANO, A. P. **Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento**. *psicol. Reflex. Crit.*, porto alegre , v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-79722014000300582&lng=en&nrm=iso>.

Access

on 06 dec. 2018. [Http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427320](http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427320).

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986. 108 p. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação) ISBN 85-249-0029-6.

TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L. **Cyberbullying: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes**. In: GUIMARAES, Á. M.; PACHECO E. & ZAN, D. D. Anais do I Seminário Violar: **Problematizando juventudes na contemporaneidade**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010. - CDROM ISSN: 2178-1028.

TORRES, C. **A bíblia do marketing digital**. São Paulo: Editora Novatec, 2009.

VENTURA, P. **Incidência e impacto do cyberbullying nos três primeiros ciclos do ensino básico**. Granada, Espanha: Editorial da Universidad de Granada, 2011.

WENDT, G. W. E LISBOA, C; S. de M. **Compreendendo el fenómeno del ciberacoso**. Temas psicol. [online]. 2014, vol. 22, n. 1, pp. 39-54. ISSN 1413-389X. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.1-04>.

WENDT, G. W; CAMPOS, D. M de; LISBOA, C. S. de M. **Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea**. Cad. psicopedag., São Paulo , v. 8, n. 14, p. 41-52, 2010.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO
QUESTIONÁRIO SOBRE *CYBERBULLYING*

QUESTIONÁRIO SOBRE CYBERBULLYING

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO:

Os pesquisadores Luciane L. De David, Maristela V. da Silva e Rafael Redaelli, alunos regulares do curso de Especialização em Mídias na Educação promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação da Professora Clevis E. Rapkiewicz, realizam uma pesquisa sobre o tema Cyberbullying. Os (As) participantes desta pesquisa, através da resposta a este questionário, são convidados(as) a participar. Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento. Os pesquisadores comprometem-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente.

1 - Qual é sua idade? *

- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos
- mais de 18 anos

2 - Qual é o seu sexo? *

- Feminino
- Masculino

3 - Escreva o que você entende por Cyberbullying. *

Texto de resposta longa

4 - Quantas horas por dia, em média, você utiliza as seguintes mídias sociais: *

	Até 2 horas	De 3 a 4 horas	De 5 a 6 horas	7 horas ou mais	Não utilizo
Blog	<input type="radio"/>				
Facebook	<input type="radio"/>				
Instagram	<input type="radio"/>				
LinkedIn	<input type="radio"/>				
Messenger	<input type="radio"/>				
Pinterest	<input type="radio"/>				
Snapchat	<input type="radio"/>				
Twitter	<input type="radio"/>				
WhatsApp	<input type="radio"/>				
You Tube	<input type="radio"/>				

5 - Tem alguma outra mídia social além da citadas acima que você use? Em caso afirmativo, qual e quanto tempo usa por dia em média? (se não houver, passe para a próxima questão).

Texto de resposta curta

6 - Assinale o seu grau de conhecimento sobre os termos abaixo: *

	Sei o significado	Ouvi falar, mas não sei o si...	Nunca ouvi falar
Cyberstalking	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Flaming	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Happy slapping	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outing	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sexting	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7 - Qual seu grau de conhecimento sobre as definições abaixo: *

	Conheço a definição	Já ouvi falar, mas não conheço a definição.	Nunca ouvi falar.
Agressão física feita com a intenção de realizar uma filmagem e postar nas mídias sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agressão on-line que inclui ameaças de dano ou intimidação excessiva.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enviar ou postar material sobre uma pessoa contendo informação sensível, privada ou constrangedora.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envio de mensagens vulgares ou que mostram hostilidade em relação a uma pessoa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Envio ou compartilhamento eletrônico de materiais eróticos e sensuais através das mídias sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8 - Sobre as afirmações abaixo, sobre você como possível vítima, assinale: *

	Muito	Pouco	Nunca
Falaram mal de mim nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recebi mensagens de texto, fotos ou vídeos que me magoam.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Publicaram fotos e/ou vídeos me ridicularizando nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fui excluído/bloqueado de alguma rede social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9 - Sobre as afirmações abaixo , sobre suas ações, assinale: *

	Muito	Pouco	Nunca
Eu me preocupei quando postaram fotos minhas sem a minha autorização.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Chorei por causa de comentários nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Briguei com alguém por causa de comentários nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faltei na escola porque me ridicularizaram nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu me arranhei ou cortei porque me ridicularizaram nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pensei em suicídio porque me ridicularizaram.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tentei suicídio porque me ridicularizaram nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10 - Sobre as afirmações abaixo , ainda sobre suas ações, assinale: *

	Muito	Pouco	Nunca
Postei fotos de outras pessoas sem pedir autorização.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enviei mensagens de texto, fotos ou vídeos que podiam magoar alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Postei fotos com montagens engraçadas de outras pessoas nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrevi comentários ruins quando não gostei de alguma postagem nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Criei perfil falso nas redes sociais para falar mal de alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Criei um grupo nas redes sociais para falar mal de alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Filmei colegas brigando e postei nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Postei fotos, vídeos e/ou mensagens ridicularizando professores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11 - Sobre as afirmações abaixo , sobre auto-exposição, assinale: *

	Muito	Pouco	Nunca
Postei fotos minhas nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu me preocupei quando não deram nenhum "curtir" nas minhas postagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Postei fotos sensuais nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adicionei informações pessoais nas redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Postei fotos que identificam meu local de estudo e/ou trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12 - Sobre o assunto "cyberbullying": *

- Acho importante conhecer e discutir esse assunto, para poder evitar.
- Não tenho opinião formada sobre o assunto.
- Não acho importante conhecer e nem discutir esse assunto.
- Outro:

13 - Se um(a) colega de escola tiver fotos íntimas vazadas na internet, ao receber as fotos o que você faz? *

- Vejo e compartilho com meus amigos. Já que é culpa dele(a) ter feito as fotos.
- Vejo e deleto.
- Deleto as fotos e aviso o(a) meu(minha) colega.
- Deleto as fotos e aviso meus pais ou a direção da escola ou as autoridades.

14 - Se você ficar sabendo que um(a) colega de escola está sofrendo agressões virtuais, o que você faz? *

- Peço ajuda aos pais, professores e direção da escola.
- Fico indiferente à situação.
- Compartilho e ajudo a fazer as agressões.

15 - Como quem pratica cyberbullying deve ser punido? *

- Acho que cyberbullying é bobagem e não deve ter punição
- Uma advertência verbal ou escrita é suficiente.
- Cyberbullying é crime e o agressor deve ser responsabilizado criminalmente.
- Outro: _____

16 - Assinale o seu grau de conhecimento sobre a legislação relacionada ao cyberbullying: *

- Conheço.
- Já ouvi falar, mas não tenho conhecimento.
- Nunca ouvi falar.

17 - Assinale as leis que você conhece ou já ouvi falar sobre cyberbullying. *

- Lei Federal 12.965 de 2014
- Lei Federal 13.185 de 2015
- Lei Estadual 13.474 de 2010
- Não conheço/ouvi falar de nenhuma destas leis.

18 - Que medidas você sugere para prevenir o cyberbullying. *

ANEXO – MODELO DE AUTORIZAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Os pesquisadores Luciane L. De David, Maristéla V. da Silva e Rafael Redaeli, alunos regulares do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação da Professora Clevi E. Rapkiewicz, estão realizando uma pesquisa com o objetivo de fazer um levantamento sobre o nível de conhecimento de alunos e professores sobre *cyberbullying*.

Os participantes desta pesquisa serão convidados a tomar parte da realização de um questionário virtual, sendo necessária a disponibilização do laboratório de informática da escola (ou laboratório móvel) para a aplicação com os alunos. Para os professores será disponibilizado um link para que respondam no momento que julgarem mais oportuno.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade dos pesquisadores a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo aos participantes. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

Os pesquisadores comprometem-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do e-mail: luciane.ludwig@gmail.com , redaelirafael@gmail.com e mvalim@gmail.com .

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, diretor da escola _____, autorizo os pesquisadores acima citados a realizarem a pesquisa nesta instituição de ensino.

Assinatura e carimbo do diretor

_____, _____ de _____ de 2018.